



CONSTRUÇÕES DA MASCULINIDADE NO CONTO “E SE FOSSE”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

Bruno Santos Melo

Universidade Estadual da Paraíba – bsantosletras@gmail.com

Fernanda Karyne de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba – fernandakoliveira@gmail.com

Resumo: Partindo do pressuposto de que a sociedade encontra-se fundamentada em preceitos e valores que regem os modos de se viver, impondo aos sujeitos formas de se portar frente a sua subjetividade, bem como nas relações sociais, pode-se afirmar que em muitas situações há certo estranhamento, instaurado pelo não reconhecimento de si nos traços delineados pelo outro, no que concerne, sobretudo, aos comportamentos pré-determinados para o masculino e para o feminino. Espera-se, pois, da figura masculina, que se porte com racionalidade, com virilidade e sem nenhuma demonstração de afeto, além de, para afirmar-se enquanto homem, precisa enquadrar-se em determinado “perfil”. O conto em questão narra os conflitos vivenciados por um adolescente que não se sente representado pela identidade imposta a ele pela sociedade no geral, que cobra do garoto comportamentos que este não se sente à vontade para cumprir, fato que causa desconfiança acerca de sua sexualidade. Diante disto, faz-se relevante problematizar e desmistificar, no contexto de ensino, que o processo de construção da subjetividade, quer masculina quer feminina, não deve se restringir a padrões mediados pelo machismo, pelo patriarcalismo e tampouco pela misoginia. O sujeito, enquanto ser social, vê-se imerso em um construto discursivo-ideológico que tende a reproduzir outros discursos que, entendidos enquanto construções sócio históricas, podem carregar consigo valores que subalternizam o outro, não considerando que a alteridade se faz necessária, sobretudo na educação. Nesta feita, objetiva-se, com este artigo, apresentar, a partir do conto “E se fosse”, da escritora paraibana Maria Valéria Rezende, uma proposta didática literária, tendo como referencial teórico as reflexões de Cosson (2014; 2016), de Cândido (1972), acerca da literatura, bem como os estudos de Butler (2016), Nolasco (1993, 1995), dentre outros, no que concerne às discussões de gênero.

Palavras-chave: Masculinidade, Letramento literário, Maria Valéria Rezende.

INTRODUÇÃO

Frente a um panorama histórico-cultural que durante muito tempo ditou modos de ser e de viver para os indivíduos sociais, é de se esperar que propagou-se diversos discursos e ideologias para o outro; assim, diversas normatizações foram e continuam sendo impostas aos sujeitos muito antes do seu nascimento, desde momento que se sabe o sexo do bebê. Dessa maneira, uma série de características físicas e psicológicas será atribuída à criança, tendo como produto final desse processo uma identidade estereotipada, alicerçada a partir de um discurso que muitas vezes carrega consigo ideais de cunho machista, patriarcal, misógino, homofóbico, racista, dentre outros sérios problemas.





VII ENLIJE

Pode-se afirmar que a criação de uma identidade a fim de homogeneizar as diferenças se configura como uma forma de violência simbólica, já que há um apagamento dos anseios e aspirações do sujeito quanto ao protagonismo de sua própria história, que é sempre ditada a partir de uma voz coletiva, e que muitas vezes não o representa. As mulheres, no correr da história, são exemplos de como a propagação e manutenção de determinados modelos identitários reprimem a subjetividade, pois ao pensar-se na figura feminina como pré-determinada à maternidade e aos afazeres domésticos, há uma brusca diminuição do leque de possibilidades acerca do conhecimento de si e do diálogo com o outro.

Partindo deste pressuposto, faz-se necessário que a temática concernente ao gênero adentre aos espaços das salas de aula da educação básica em especial, a fim de desmistificar e trazer ao centro das discussões propostas que permitam aos alunos refletirem acerca da construção social (BUTLER, 2016) que se tem em torno do gênero. Com isso, pôr em voga tais problemáticas é relevante ao passo que se entende a escola muitas vezes como a única agência de letramento que o aluno terá ao seu alcance (PIETRI, 2007), quando a família deveria ser o primeiro espaço para promoção do diálogo, mas por diversos motivos isso nem sempre é possível.

Nesta feita, observa-se que a literatura se apresenta como um importante meio pelo qual as discussões acerca das temáticas de gênero possam ser dadas, já que a prática de leitura possibilita ao sujeito a compreensão tanto de si quanto do mundo que o cerca. Além disso, a literatura, sobretudo contemporânea, para além da fruição, apresenta-se também como um importante ato político (EAGLETON, 2006), tendo em vista que problematiza diversos ditames sociais impostos ao outro. Assim, a leitura de obras que tematizem a diferença se institui como um passo essencial para perceber as subjetividades a partir da alteridade, desprendendo-se de preconceitos.

Neste artigo, objetiva-se apresentar uma proposta didática acerca das construções da masculinidade na sociedade, percebendo, por meio de duas reportagens e do conto *E se fosse*, presente na antologia *A face serena* (2018), de Maria Valéria Rezende, como se dá o movimento de construção de uma identidade coletiva para o homem. A proposta tem como enfoque promover, em sala de aula, um espaço para discussão e desconstrução de preconceitos, atenuando para a construção de leitores literários, capazes de observar e discutir a temática em âmbito social, para além do ambiente escolar.

METODOLOGIA





VII ENLIJE

O método adotado para a construção deste trabalho caracteriza-se como qualitativo, tendo em vista que objetiva-se dar um enfoque a uma determinada temática, levando em consideração os agenciamentos sociais que predisõem os estudos de gênero, pois “os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). Quanto ao procedimento, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, já que a literatura e a formação de leitores é o principal objetivo da proposta didática.

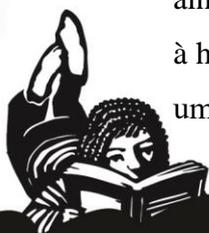
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino de literatura durante muito tempo pautou-se e restringiu-se a uma perspectiva historicista, reduzindo-se à inculcar no alunado inúmeras datas e alguns nomes de autores para cada período literário português e brasileiro. Desta maneira, diversos alunos, no decorrer de sua formação escolar, desenvolveram certa aversão pela literatura, fato que pode também ocasionar o afastamento da própria leitura, quer ela literária ou não, causando uma verdadeira “falência do ensino de literatura” (COSSON, 2016, p. 23).

No entanto, é indispensável que se priorize nas aulas não o contexto histórico ou fatos que circundam a produção literária de determinados períodos, mas sim o próprio texto, tendo em vista que o grande enfoque do ensino de literatura é a formação de leitores literários, a partir do letramento literário, entendido pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio como “[...] formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito.” (BRASIL, 2006, p. 54). Fazer o aluno apropriar-se dos seus direitos é essencial, tendo em vista que a literatura também possui caráter humanizador (CÂNDIDO, 1972).

Sem perder de vista a importância da literatura para a formação humana e acadêmica do aluno, é necessário observar que o papel do professor é essencial no que concerne à seleção de textos literários e à metodologia adotada em sala, pois comumente, sobretudo no ensino fundamental I, a literatura surge apenas como pretexto para o trabalho com a gramática nas aulas de língua, o que gera no aluno ainda mais distanciamento com o texto, quando esta fase deveria ser a formação inicial do leitor literário.

No ensino médio, momento em que o intuito seria haver um aprofundamento da formação leitora, é, por vezes, o período no qual o aluno de fato terá contato com a literatura, ainda que em uma perspectiva historicista, porém, “limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária...” (COSSON, 2016, p. 21).





VII ENLIJE

Diante de tais constatações, a proposta didática postulada neste artigo objetiva contribuir para a formação de leitora do aluno na perspectiva do letramento literário, atentando para a literatura como um importante meio de construção de subjetividades e reflexão da realidade. Além disso, promover um espaço para discutir como se dá a imposição social e cultural da identidade sob os sujeitos sociais e as formas de emancipar-se dos traços que não os representam.

A proposta foi pensada para uma turma de nono ano de uma escola pública. A escolha do público dá-se pelo fato de estarem em um período de transição entre ensino fundamental e ensino médio, bem como pela faixa etária desses alunos. Quanto ao ensino público, objetiva-se proporcionar um espaço para discussão de uma temática que provavelmente não seria discutida nas aulas de literatura, e que, diante da realidade do ensino público, muito menos em casa, junto à família. Este espaço se mostra como um importante momento para problematizar os males que são ocasionados a partir do preconceito e da homofobia, como o *bullying*, por exemplo.

A duração da proposta é de duas aulas, em que cada uma terá quarenta e cinco ou cinquenta minutos, a depender da escola em que será aplicada. O planejamento tem dois momentos:

Primeiro momento: Serão levadas à turma, impressas, duas reportagens, a primeira intitulada “Homofobia: Jovem tira a própria vida em Sapé após ser repudiado por família e texto deixado por ele levanta debate no Brasil”¹, e a segunda intitulada “Menino teve fígado dilacerado pelo pai, que não admitia que criança gostasse de lavar louça”². O intuito de levar à sala a leitura e discussão de ambas as reportagens dá-se pelo objetivo de buscar o conhecimento prévio que os alunos têm acerca da temática de gênero relacionada à construção que se instaura socialmente da masculinidade.

Nesta etapa do planejamento, é indispensável que o docente possa ouvir com atenção o depoimento de cada discente, inclusive os que ainda mantêm uma visão estereotipada frente ao que seria “ser homem”, a fim de buscar ampliar a forma destas pessoas, enquanto sujeitos da sociedade e imersos em um mar de imposições sociais, de enxergar o outro. Realizado este primeiro momento de escuta e mediação das experiências de vida destes alunos diante da temática, o professor agora promoverá um espaço para incitar o questionamento acerca dos

¹ Reportagem completa disponível em <<http://www.polemicaparaiba.com.br/polemicas/homofobia-jovem-tira-propria-vida-em-sape-apos-ser-repudiado-por-familia-e-texto-deixado-por-ele-levanta-debate-no-brasil/>> Acesso em 30 de setembro de 2018.

² Reportagem completa disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/menino-teve-figado-dilacerado-pelo-pai-que-nao-admitia-que-crianca-gostasse-de-lavar-louca-11785342>> Acesso em 30 de setembro de 2018.





VII ENLIJE

textos lido, estabelecendo relações com as realidades do alunado, afinal, “ler é produzir sentidos por meio de um diálogo, uma conversa.” (COSSON, 2014, p. 35)

A primeira reportagem, datada em 21 de março de 2018, relata um fato ocorrido na cidade de Sapé-PB, no qual o jovem Yago Oliveira se suicida devido à não aceitação por parte de sua família diante da sua homossexualidade, no entanto, antes de cometer o suicídio, deixa um relato em seu perfil pessoal no *Facebook* narrando diversas atrocidades que se faziam presentes em sua família, como pedofilia, assassinato, misoginia, racismo... A segunda reportagem, por sua vez, narra a história de Alex, um garoto de apenas oito anos que foi brutalmente submetido a diversas agressões por seu pai, dentre elas houve a fatal, que dilacerou o seu fígado e ocasionou a sua morte por hemorragia interna. O garoto, pelo fato de gostar de lavar louça e de dança do ventre, era submetido a tais agressões a fim de “virar homem”, nas palavras de seu pai.

Ao trazer exatamente estas duas reportagens, objetiva-se construir, junto aos alunos, uma discussão em torno da hipocrisia e dos discursos de ódio que se instauram a tudo aquilo que vai de encontro à identidade criada para o homem, já que

[...] um menino cresce alimentando-se de múltiplas ilusões de força e senhorilidade para dar demonstrações de coragem diante da vida sem jamais poder expressar o temor de vivê-la pela grandiosidade que ela comporta se comparada à onipotência humana. (NOLASCO, 1993, p. 29).

Com isso, o masculino, ao não apresentar características muito bem delineadas como força, virilidade, racionalidade, é tido como inferior aos demais homens, e muitas vezes tem a sua sexualidade questionada. Nos textos escolhidos para o primeiro momento desta discussão, observa-se que a morte foi a consequência pelo não enquadramento nas cruéis expectativas sociais impostas a Yago e a Alex. Assim, a partir do conhecimento adquirido por meio da leitura e discussão dos textos junto aos alunos e da constatação do quanto esta problemática é recorrente e continua a fazer diversas outras vítimas no decorrer do mundo, sugere-se que seja realizada a leitura do conto “*E se fosse*”, de Maria Valéria Rezende, como o momento principal da proposta.

Segundo momento: Inicia-se a leitura do conto, que será distribuído aos alunos impresso. A escolha pela trama justifica-se pelo fato de que a escritora paraibana traz como protagonistas de sua produção literária personagens que foram, no decorrer da história, marginalizados e invisibilizados, além de temáticas que questionam os lugares sociais atribuídos a estas pessoas.





VII ENLIJE

A narrativa retrata a história de Aldinho, um menino que convive em uma família que está em todo o tempo questionando a sua sexualidade:

Seja homem, Aldinho! Como é que pode ser medroso assim: Não é macho não? Acho até... Recomeça esse falatório cada vez que ele se recusa a matar a barata, a escorraçar o pitbull do vizinho que rebenta a cerca e passa toda hora pro quintal de casa. Só pode, olha os braços e as pernas dele, parece bambu, fino e amarelo. Deve ser... (REZENDE, 2018, p. 37)

Observa-se que o menino vivencia um conflito que se dá mediante a uma tensão instaurada frente à espera de determinados comportamentos para ele e os comportamentos que apresenta. Ter medo do pitbull e ser magro são motivos suficientes para que seus familiares pensarem que Aldinho não é homem, pois associa-se à construção do ideal masculino características como coragem, um corpo forte, alto, atlético. Em uma perspectiva binária, há sempre uma delimitação das funções atribuídas ao homem e que, quando não são atendidas, automaticamente atribuem ao sujeito traços femininos, tendo em vista que "o cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: "Isto é brinquedo de menina", "menino não chora", [...] "você é um medroso, parece mulher" (NOLASCO, 1993, p. 92).

No decorrer do conto fica evidente que Aldinho tem sua opção sexual muito bem definida e não tem nenhuma dúvida quanto à sua masculinidade:

Ele não tem dúvida de que é macho, só tem é horror de bicho de qualquer tipo. O que isso tem a ver com gostar de mulher ou não, com ser macho ou não? E se não fosse? Dá-lhe raiva o desprezo e a perseguição. Ultimamente anda crescendo dentro dele uma raiva de todo o mundo, geral, uma revolta, uma vontade de fazer com os outros o que não consegue fazer com os bichos. (REZENDE, 2018, p.38)

No entanto, a certeza acerca de si não é suficiente para convencer sua família e agora toda a escola, pois o boato da incerteza de sua sexualidade havia se espalhado para além de sua casa, fato que ocasiona transtornos para o menino, que passa a ser alvo de *bullying* por outros alunos. O garoto se sente muito incomodado com a situação e se dispõe a pôr um fim a todos os boatos maldosos acerca de si. Procura Cascão, um menino rebelde que ficava fora da escola, a fim de se inserir na comunidade dos garotos que estavam sempre com muitas meninas. Para fazer parte do grupo, Aldinho precisaria se submeter à aprovação do chefe; marcaram de se encontrar no cemitério, de madrugada, para que ele pudesse ou não aprovar à entrada do menino ao grupo de Cascão.

No horário marcado o menino chega ao cemitério e é levado até aquele que seria responsável por todos os demais garotos que ali estavam. Em meio ao medo e ao anseio de





VII ENLIJE

finalmente provar sua masculinidade, Aldinho caminha até determinado ponto onde havia um desmanche de carros e se depara com o chefe:

A figura que ele não sabe se é ele ou ela, caminha sinuosamente, como modelo em passarela, as calças brancas justíssimas nas coxas finas, abrindo-se a partir dos joelhos, quase como uma saia, a camiseta também branca deixa ver os ossos do peito e dos ombros descarnados, na cara imberbe destacam-se as sobrancelhas feitas a pinça e pincel. A figura sacode para trás longos cabelos amarelos, alisados à chapinha, e diz, com um sorriso e um gesto safados e voz surpreendentemente grossa: então, boneca, vai encarar? (REZENDE, 2018, p. 41)

Este momento do conto é essencial, pois a figura, que aparenta ser uma travesti, se apresenta como um elemento que quebra com muitas expectativas, sobretudo porque não se deixa claro o que o menino teria de fazer ela para que pudesse ser aceito no grupo. Embora não fique explícito, uma leitura possível e que pode ser trabalhada em sala é a submissão sexual, já que todos os outros garotos tiveram que serem aprovados individualmente pelo chefe. Com isso, há uma dimensão muito maior na narrativa, que, em um tom irônico, demonstra a hipocrisia que circunda muitas vezes o discurso idealista imposto ao homem. Por fim, Aldinho "[...] estufa o peito, levanta a cabeça, a testosterona instigando-lhe a valentia, encara o mundo e firma de vez sua macheza." (REZENDE, 2018, p. 41).

Estabelecendo um diálogo com as reportagens lidas anteriormente, pensando que “[...] um texto é sempre um resultado de um diálogo com outros textos” (COSSON, 2014, p. 56), faz-se relevante observar com os alunos como a identidade do menino é forjada na narrativa, mas a partir dois prismas: primeiro, o ponto de vista da família e dos colegas da escola (como representação da sociedade machista e patriarcal) e, segundo, o ponto de vista de Aldinho, atentando para o fato de que garoto, que sempre teve muita certeza acerca de sua masculinidade, passa a questioná-la mediante a não aceitação da sua família de um menino forte e corajoso.

Na perspectiva do letramento literário, é de extrema importância perceber a leitura literária como parte deste processo, tido como prática social (COSSON, 2016), pois ao empreender as discussões em torno do conto, é indispensável que se atenuem o quanto o garoto, assim como os dois sujeitos das reportagens, sofre diante da tensão que se instaura entre aquilo que se quer ser e aquilo que se espera que seja. Dessa maneira, a prática social que a literatura empreende se dá por meio da desmistificação de valores e dogmas pautados em uma realidade que reprime e reduz o sujeito a uma identidade que reduz sua subjetividade.





CONCLUSÕES

Atentando para a importância da leitura enquanto prática social e do letramento literário para a formação de leitores proficientes de literatura, as discussões postuladas neste artigo tem como principal objetivo propiciar momentos para promover, em sala, reflexões em torno da construção da masculinidade, a fim de que os alunos possam socializar suas impressões e levarem para além do ambiente escolar o quão essencial é a promoção do respeito às diferenças.

Ao adotar à metodologia do letramento literário, faz-se necessário que o professor empreenda um movimento que vai de encontro ao ensino historicista da literatura, pois agora o enfoque dá-se no texto, não nos aspectos estilísticos ou históricos que o circunscrevem. No entanto, o texto literário nunca é um fim, mas um meio, que possibilitará a reflexão de problemáticas mais próximas da realidade do aluno, objetivando a sua formação leitora.

Adota-se, neste trabalho, a literatura também como um ato político, e, por sua vez, questionadora acerca dos ditames sociais para o outro. Ao trazer como temática do conto a construção em torno da masculinidade, Maria Valéria Rezende oportuniza um excelente espaço para que se reflita o quão fortes são os discursos, e aqui entendidos como práticas de poder (FOUCAULT, 2014), capazes de subjugar e inferiorizar àqueles que não se inserem neste entremeio de representações.

Ao realizar um trabalho em sala com este tipo de literatura, atenuar para estas modificações também faz parte de uma reflexão interessante, pois o aluno perceberá que está em processo, na literatura brasileira contemporânea, um movimento muito importante, que é repleto de tensões, pois continua sendo um território contestado (DALCASTAGNÈ, 2012) pelas minorias frente a séculos de tradição literária pautada em moldes racistas, misóginos e patriarcais. Assim, levar para a sala de aula um texto de autoria feminina e que desmistifica o ideal de homem é, por si, um ato de resistência a tais moldes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: SEB/MEC, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. 24 (9): 803-809, set, 1972.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.





VII ENLIJE

_____, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Editora Horizonte/Editora da UERJ: Rio de Janeiro, 2012

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

REZENDE, Maria Valéria. **A face serena.** Guaratinguetá: Penalux, 2018

